

**PEDIATRIA EM CÃES E GATOS: ABORDAGEM CLÍNICA, FISIOLÓGICA E PROPEDEÚTICA*****PEDIATRICS IN DOGS AND CATS: CLINICAL, PHYSIOLOGICAL, AND DIAGNOSTIC APPROACH***

¹Maria Clara Ferreira Auad; ¹Maria Teresa Batista Alves; ²Sávio Tadeu Almeida Júnior

RESUMO

A pediatria em cães e gatos configura-se como uma área de grande relevância dentro da clínica médica de pequenos animais, uma vez que os pacientes neonatos e jovens apresentam características fisiológicas, imunológicas e metabólicas significativamente distintas dos indivíduos adultos. Essas particularidades influenciam diretamente a abordagem clínica, os métodos diagnósticos e as estratégias terapêuticas adotadas pelo médico veterinário, exigindo não apenas conhecimento técnico, mas também capacidade de interpretação crítica e tomada de decisão rápida e fundamentada. O período neonatal, compreendido desde o nascimento até aproximadamente as três primeiras semanas de vida, é caracterizado por intensas adaptações fisiológicas necessárias à sobrevivência extrauterina. Durante esse intervalo, diversos sistemas orgânicos ainda se encontram em processo de maturação funcional, incluindo os sistemas respiratório, cardiovascular, renal, hepático e imunológico, o que torna os neonatos particularmente vulneráveis a alterações ambientais e a enfermidades. Diante disso, o presente artigo tem como objetivo analisar criticamente os principais aspectos relacionados à pediatria em cães e gatos, abordando as particularidades fisiológicas, imunológicas e clínicas dos neonatos, bem como sua aplicação na prática propedêutica e terapêutica.

Palavras-chave: Filhotes, neonatologia, clínica veterinária.

ABSTRACT

Pediatrics in dogs and cats is a highly significant area within small animal clinical practice, given that neonatal and young patients exhibit physiological, immunological, and metabolic characteristics that differ significantly from those of adults. These specific traits directly influence the clinical approach, diagnostic methods, and therapeutic strategies adopted by veterinarians, requiring not only technical knowledge but also the ability to interpret information critically and make rapid, well-founded decisions. The neonatal period spanning from birth to approximately the first three weeks of life is characterized by intense physiological adaptations essential for extrauterine survival. During this time, various organ systems

¹ Graduandos do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS MG);

² Professor e Coordenador do curso de Medicina Veterinária do Centro Universitário do Sul de Minas (UNIS MG). savio.junior@unis.edu.br. <https://orcid.org/0000-0002-1037-4765>

including the respiratory, cardiovascular, renal, hepatic, and immune systems are still undergoing functional maturation, rendering neonates particularly vulnerable to environmental changes and disease. Consequently, this article aims to critically analyze key aspects of canine and feline pediatrics, addressing the physiological, immunological, and clinical specificities of neonates, as well as their implications for clinical assessment and therapeutic practice.

Keywords: Puppies/kittens, neonatology, veterinary practice.

1 INTRODUÇÃO

A pediatria em cães e gatos configura-se como uma área de grande relevância dentro da clínica médica de pequenos animais, uma vez que os pacientes neonatos e jovens apresentam características fisiológicas, imunológicas e metabólicas significativamente distintas dos indivíduos adultos. Essas particularidades influenciam diretamente a abordagem clínica, os métodos diagnósticos e as estratégias terapêuticas adotadas pelo médico veterinário, exigindo não apenas conhecimento técnico, mas também capacidade de interpretação crítica e tomada de decisão rápida e fundamentada (NELSON; COUTO, 2015; ETTINGER; FELDMAN, 2017).

O período neonatal, compreendido desde o nascimento até aproximadamente as três primeiras semanas de vida, é caracterizado por intensas adaptações fisiológicas necessárias à sobrevivência extrauterina. Durante esse intervalo, diversos sistemas orgânicos ainda se encontram em processo de maturação funcional, incluindo os sistemas respiratório, cardiovascular, renal, hepático e imunológico, o que torna os neonatos particularmente vulneráveis a alterações ambientais e a enfermidades (FEITOSA, 2020; JOHNSTON; KUSTRITZ; OLSON, 2001). Do ponto de vista clínico, essa imaturidade implica menor capacidade de resposta a estímulos adversos, favorecendo a rápida progressão de quadros inicialmente discretos para condições potencialmente fatais.

Além disso, a elevada taxa de morbidade e mortalidade neonatal observada na prática clínica está frequentemente associada a fatores como falhas no manejo, inadequação nutricional, distúrbios metabólicos, infecções e falha na transferência de imunidade passiva. Esses fatores, frequentemente interdependentes, evidenciam a complexidade do atendimento pediátrico e reforçam a necessidade de abordagem integrada, envolvendo prevenção, diagnóstico precoce e intervenção terapêutica imediata (NELSON; COUTO, 2015; ETTINGER; FELDMAN, 2017).

Outro aspecto relevante refere-se à limitação dos mecanismos homeostáticos nos neonatos, que apresentam menor capacidade de compensação frente a situações de estresse

fisiológico. Clinicamente, isso significa que alterações aparentemente leves, como discreta hipotermia ou redução da sucção, podem representar o início de quadros sistêmicos graves, exigindo monitoramento constante e intervenção precoce (FEITOSA, 2020; NELSON; COUTO, 2015).

Dessa forma, a pediatria veterinária não se restringe ao tratamento de doenças, mas envolve também a prevenção, o manejo adequado e a orientação aos responsáveis, contribuindo diretamente para a redução da mortalidade neonatal e para o desenvolvimento saudável dos animais. Nesse contexto, a aplicação criteriosa da propedêutica clínica, aliada ao conhecimento fisiológico e ao raciocínio clínico, constitui base fundamental para a prática veterinária.

Diante disso, o presente capítulo tem como objetivo analisar criticamente os principais aspectos relacionados à pediatria em cães e gatos, abordando as particularidades fisiológicas, imunológicas e clínicas dos neonatos, bem como sua aplicação na prática propedêutica e terapêutica.

2 REVISÃO DE LITERATURA

2.1 PARTICULARIDADES FISIOLÓGICAS DOS NEONATOS

Os neonatos apresentam imaturidade funcional de diversos sistemas orgânicos, o que influencia diretamente sua capacidade de adaptação ao meio externo. Esse período inicial da vida é marcado por intensas transições fisiológicas, nas quais o organismo precisa rapidamente ajustar-se de um ambiente intrauterino estável para condições externas variáveis e, muitas vezes, adversas. Nesse contexto, a limitação na eficiência dos mecanismos homeostáticos torna os neonatos particularmente vulneráveis a alterações ambientais e a desafios clínicos, exigindo atenção criteriosa por parte do médico veterinário (NELSON; COUTO, 2015; FEITOSA, 2020).

O sistema termorregulador, por exemplo, é pouco desenvolvido, sendo incapaz de manter a temperatura corporal de forma eficiente devido à baixa quantidade de tecido adiposo e à imaturidade do sistema nervoso central (NELSON; COUTO, 2015; FEITOSA, 2020). Ademais, a limitada capacidade de tremor muscular como mecanismo de produção de calor, associada à dependência de fontes externas de aquecimento, agrava ainda mais essa condição. A termogênese não tremulante, mediada principalmente pelo tecido adiposo marrom, embora presente, pode não ser suficiente para compensar perdas térmicas significativas em ambientes inadequados.

Além disso, a elevada relação entre superfície corporal e volume favorece a perda de calor, tornando os filhotes altamente suscetíveis à hipotermia. Esse quadro pode comprometer funções metabólicas essenciais, como a digestão e a resposta imunológica, agravando o estado clínico do paciente (JOHNSTON; KUSTRITZ; OLSON, 2001; ETTINGER; FELDMAN, 2017). A hipotermia, quando instalada, pode desencadear um efeito cascata, levando à redução da motilidade gastrointestinal, diminuição da sucção e consequente menor ingestão de colostro, fator crítico para a transferência de imunidade passiva. Assim, observa-se uma interação direta entre a termorregulação deficiente e a maior predisposição a infecções neonatais.

No sistema cardiovascular, as adaptações pós-natais incluem o fechamento do ducto arterioso e do forame oval, fundamentais para o estabelecimento da circulação pulmonar. A transição da circulação fetal para a neonatal envolve complexos mecanismos fisiológicos desencadeados pela expansão pulmonar e pela alteração das pressões intratorácicas e vasculares. A falha nesse processo pode resultar em alterações hemodinâmicas importantes, com repercussões clínicas significativas, como hipóxia persistente e sobrecarga cardíaca (NELSON; COUTO, 2015; ETTINGER; FELDMAN, 2017). Além disso, a relativa imaturidade do controle autonômico da função cardíaca pode contribuir para respostas inadequadas frente a situações de estresse.

O sistema renal apresenta baixa capacidade de filtração e concentração urinária, o que torna os neonatos mais suscetíveis à desidratação e a distúrbios eletrolíticos. Tal condição decorre da imaturidade dos néfrons e da limitada resposta aos hormônios reguladores do equilíbrio hídrico, como a vasopressina (FEITOSA, 2020; NELSON; COUTO, 2015). Consequentemente, pequenas variações na ingestão hídrica ou perdas insensíveis podem resultar em desequilíbrios significativos. Essa limitação reforça a necessidade de monitoramento cuidadoso do estado hídrico, bem como de intervenções terapêuticas ajustadas à fisiologia neonatal.

O fígado, por sua vez, apresenta imaturidade funcional, especialmente na gliconeogênese e na metabolização de substâncias, o que contribui para a predisposição à hipoglicemia e à maior sensibilidade a fármacos (ETTINGER; FELDMAN, 2017; NELSON; COUTO, 2015). A baixa reserva de glicogênio hepático, associada à alta demanda energética, torna os neonatos particularmente dependentes de alimentação frequente. Além disso, a atividade reduzida de enzimas hepáticas envolvidas na biotransformação de xenobióticos implica maior risco de toxicidade medicamentosa, exigindo cautela na escolha e na dosagem de fármacos.

De maneira integrada, observa-se que a imaturidade dos sistemas orgânicos não atua de forma isolada, mas sim de maneira interdependente, potencializando a vulnerabilidade neonatal. Do ponto de vista clínico, isso implica que alterações em um sistema frequentemente desencadeiam repercussões sistêmicas, como ocorre na associação entre hipotermia, hipoglicemia e redução da ingestão de colostro. Esse encadeamento fisiopatológico reforça a necessidade de abordagem precoce e abrangente, baseada não apenas na identificação de sinais clínicos, mas na compreensão dos mecanismos que os originam.

2.2 DESENVOLVIMENTO DO SISTEMA IMUNOLÓGICO

O sistema imunológico neonatal é caracterizado por imaturidade funcional, sendo a imunidade passiva adquirida por meio do colostro essencial para a proteção contra agentes infecciosos nas primeiras semanas de vida (TIZARD, 2017; NELSON; COUTO, 2015). Durante esse período inicial, os mecanismos de defesa inata encontram-se parcialmente ativos, porém ainda insuficientes para garantir proteção efetiva frente à ampla variedade de patógenos presentes no ambiente extrauterino. A resposta imune adaptativa, por sua vez, apresenta-se limitada tanto em termos de produção de anticorpos quanto na eficiência da resposta celular, o que reforça a dependência crítica da imunidade passiva transferida pela mãe.

A absorção de imunoglobulinas ocorre nas primeiras horas de vida, período em que o epitélio intestinal apresenta alta permeabilidade. Esse fenômeno, conhecido como “janela de absorção”, permite a passagem de macromoléculas intactas, especialmente imunoglobulinas do tipo IgG, diretamente para a circulação sistêmica. Após esse período, ocorre o fechamento intestinal, limitando a absorção de anticorpos (JOHNSTON; KUSTRITZ; OLSON, 2001; TIZARD, 2017). Esse processo é progressivo e, em geral, completa-se entre 24 e 36 horas após o nascimento, sendo altamente influenciado por fatores como o tempo de ingestão do colostro, a qualidade do colostro ingerido e a vitalidade do neonato. Dessa forma, atrasos na primeira mamada ou ingestão inadequada podem comprometer significativamente a transferência de imunidade passiva.

A falha na transferência de imunidade passiva está associada ao aumento da susceptibilidade a infecções, sendo um fator determinante na mortalidade neonatal (FEITOSA, 2020; NELSON; COUTO, 2015). Neonatos que não recebem quantidades adequadas de imunoglobulinas tornam-se particularmente vulneráveis a agentes bacterianos, virais e parasitários, podendo evoluir rapidamente para quadros septicêmicos. Além disso, a deficiência

imunológica nesse estágio inicial pode comprometer o desenvolvimento subsequente do sistema imune, influenciando negativamente a capacidade de resposta a desafios antigênicos futuros.

Paralelamente, a maturação do sistema imunológico ocorre de forma gradual, envolvendo o desenvolvimento de órgãos linfóides primários e secundários, como o timo, o baço e os linfonodos. A atividade de células imunocompetentes, incluindo linfócitos T e B, macrófagos e células dendríticas, aumenta progressivamente ao longo das semanas subsequentes ao nascimento. No entanto, durante esse período de transição, a eficiência funcional dessas células ainda é limitada, o que contribui para uma resposta imune menos robusta e mais lenta quando comparada à de indivíduos adultos (TIZARD, 2017; NELSON; COUTO, 2015).

Além disso, a presença de anticorpos maternos pode interferir na resposta vacinal, exigindo protocolos específicos que considerem a janela imunológica (ETTINGER; FELDMAN, 2017; TIZARD, 2017). Esse fenômeno ocorre porque os anticorpos circulantes provenientes do colostro podem neutralizar antígenos vacinais antes que estes estimulem adequadamente o sistema imune do neonato. Como consequência, estabelece-se um período crítico em que o animal não está completamente protegido nem pela imunidade passiva nem pela ativa, demandando estratégias vacinais cuidadosamente planejadas. A definição adequada do momento de início e dos intervalos de vacinação é, portanto, fundamental para garantir uma imunização eficaz.

Sob a perspectiva clínica, a falha na transferência de imunidade passiva representa um dos principais fatores de risco para mortalidade neonatal, exigindo atenção imediata do médico veterinário. A identificação precoce de neonatos com ingestão inadequada de colostro deve ser considerada prioridade, uma vez que a intervenção nas primeiras horas de vida pode alterar significativamente o prognóstico. Dessa forma, a compreensão da dinâmica imunológica neonatal transcende o conhecimento teórico, sendo fundamental para a tomada de decisões clínicas eficazes.

2.3 AVALIAÇÃO CLÍNICA E PROPEDEÚTICA

A avaliação clínica dos neonatos deve ser minuciosa, sistemática e contínua, considerando parâmetros fisiológicos específicos dessa fase do desenvolvimento. Diferentemente dos animais adultos, os neonatos apresentam variações fisiológicas que, embora consideradas normais, podem facilmente ser interpretadas como patológicas se não

houver conhecimento adequado de seus valores de referência. A frequência cardíaca elevada, a variação da frequência respiratória e a temperatura corporal inferior à dos adultos são aspectos esperados nessa fase, mas que exigem interpretação cuidadosa dentro do contexto clínico (NELSON; COUTO, 2015; FEITOSA, 2020). Ademais, esses parâmetros podem sofrer rápidas alterações diante de condições ambientais adversas, como frio, desidratação ou hipoglicemia, reforçando a necessidade de monitoramento frequente e criterioso.

A observação do comportamento geral do neonato também constitui etapa fundamental da avaliação clínica. Aspectos como nível de atividade, vigor ao mamar, vocalização e interação com a mãe e a ninhada fornecem informações valiosas sobre o estado de saúde. Neonatos apáticos, com sucção fraca ou isolamento do grupo devem ser prontamente avaliados, uma vez que tais sinais frequentemente precedem manifestações clínicas mais graves. Dessa forma, a avaliação clínica não deve se restringir a parâmetros isolados, mas sim integrar achados fisiológicos e comportamentais.

A análise dos reflexos neonatais é fundamental, pois permite avaliar a integridade neurológica e o estado geral do paciente. Reflexos como o de sucção, busca, preensão e o reflexo anogenital são indicadores importantes da maturidade e funcionalidade do sistema nervoso central e periférico. Alterações nesses reflexos podem indicar comprometimentos sistêmicos relevantes, incluindo hipóxia, hipoglicemia, infecções ou distúrbios neurológicos congênitos (JOHNSTON; KUSTRITZ; OLSON, 2001; ETTINGER; FELDMAN, 2017). Além disso, a ausência ou diminuição desses reflexos pode comprometer diretamente a capacidade de alimentação e sobrevivência do neonato.

O monitoramento do ganho de peso é essencial, sendo considerado um dos indicadores mais confiáveis de saúde neonatal. Em condições normais, espera-se ganho de peso progressivo e contínuo, refletindo ingestão adequada de leite e bom estado metabólico. A ausência de ganho ou a perda de peso deve ser investigada imediatamente, pois pode estar associada a falhas na amamentação, doenças infecciosas, distúrbios metabólicos ou condições ambientais inadequadas (NELSON; COUTO, 2015). A pesagem diária, preferencialmente no mesmo horário, é uma prática recomendada para acompanhamento preciso da evolução do neonato.

No que se refere à propedêutica complementar, sua utilização deve ser criteriosa e baseada na necessidade clínica, sempre respeitando as limitações fisiológicas dos neonatos. Exames laboratoriais, como hemograma e bioquímica sérica, devem ser interpretados com cautela, uma vez que os valores de referência diferem significativamente daqueles observados em animais adultos. Além disso, o volume sanguíneo reduzido impõe restrições à coleta de amostras, exigindo planejamento adequado para evitar iatrogenias. Métodos de imagem, como

ultrassonografia, podem ser úteis por sua natureza não invasiva, especialmente na avaliação de estruturas abdominais e torácicas.

É fundamental evitar procedimentos invasivos desnecessários, uma vez que o estresse e a manipulação excessiva podem desencadear desequilíbrios fisiológicos importantes, como hipotermia e hipoglicemia (ETTINGER; FELDMAN, 2017). A abordagem clínica do neonato deve, portanto, ser pautada na delicadeza, na precisão diagnóstica e na compreensão das particularidades dessa fase, permitindo intervenções seguras e eficazes. A integração entre avaliação clínica detalhada e uso racional da propedêutica constitui a base para o manejo adequado e para a redução da morbimortalidade neonatal.

Do ponto de vista propedêutico, a interpretação dos sinais clínicos deve sempre considerar a rápida evolução dos quadros neonatais. Sinais como sucção fraca, vocalização excessiva ou apatia não devem ser subestimados, pois frequentemente representam manifestações iniciais de alterações sistêmicas relevantes, como hipoglicemia, infecções ou distúrbios térmicos. Nesse contexto, a avaliação clínica não deve ser apenas descritiva, mas interpretativa, orientando a tomada de decisão de forma rápida e precisa.

2.4 PRINCIPAIS AFECÇÕES EM PEDIATRIA VETERINÁRIA

As afecções que acometem neonatos são frequentemente multifatoriais e de evolução rápida, refletindo a imaturidade dos sistemas orgânicos e a limitada capacidade de resposta frente a desafios fisiológicos e patológicos. Nesse contexto, fatores ambientais, nutricionais, infecciosos e de manejo interagem de forma complexa, contribuindo para o estabelecimento e a progressão de enfermidades. A fragilidade inerente a essa fase da vida faz com que alterações inicialmente discretas possam evoluir rapidamente para quadros clínicos graves, o que exige reconhecimento precoce e intervenção imediata por parte do médico veterinário (NELSON; COUTO, 2015; FEITOSA, 2020).

Dentre essas condições, a síndrome do filhote debilitado destaca-se como uma das principais causas de mortalidade neonatal, caracterizando-se por sinais clínicos inespecíficos, como apatia, vocalização persistente, dificuldade de sucção, hipotermia e perda de peso. Trata-se de uma condição complexa, frequentemente associada a múltiplos fatores predisponentes, incluindo falha na ingestão de colostro, infecções, distúrbios metabólicos e condições ambientais inadequadas. A evolução é, em geral, rápida e progressiva, podendo culminar em óbito em curto período de tempo se não houver intervenção adequada (NELSON; COUTO,

2015; FEITOSA, 2020). A ausência de sinais clínicos específicos muitas vezes dificulta o diagnóstico precoce, reforçando a importância da vigilância contínua dos neonatos.

Clinicamente, a síndrome do filhote debilitado deve ser encarada como uma emergência, exigindo intervenção imediata mesmo na ausência de diagnóstico definitivo. A abordagem deve ser baseada na estabilização do paciente, com correção de hipotermia, hipoglicemia e desidratação, uma vez que esses fatores estão frequentemente interligados e determinam a evolução do quadro.

As doenças infecciosas apresentam grande relevância nesse grupo etário, especialmente em função da imaturidade imunológica e da dependência da imunidade passiva. Agentes bacterianos, virais e parasitários podem acometer os neonatos com maior facilidade, sobretudo em condições de higiene inadequada, alta densidade populacional ou falha na transferência de imunidade passiva. Infecções neonatais frequentemente apresentam curso agudo e sistêmico, podendo evoluir para septicemia. Dessa forma, a prevenção assume papel central no controle dessas enfermidades, incluindo medidas como manejo sanitário adequado, garantia da ingestão de colostro de qualidade e controle rigoroso do ambiente (ETTINGER; FELDMAN, 2017). A implementação de protocolos de biossegurança e o acompanhamento da saúde materna também são estratégias fundamentais para reduzir a exposição a patógenos.

Distúrbios metabólicos, como a hipoglicemia, são comuns em neonatos e representam uma importante causa de morbidade e mortalidade. A baixa reserva de glicogênio hepático, aliada à elevada demanda energética e à ingestão alimentar irregular, contribui para a rápida instalação desse quadro. Clinicamente, a hipoglicemia pode manifestar-se por fraqueza, tremores, convulsões e, em casos mais graves, coma (NELSON; COUTO, 2015; FEITOSA, 2020). A evolução costuma ser rápida, exigindo intervenção imediata para evitar danos neurológicos irreversíveis. Além disso, a hipoglicemia frequentemente ocorre de forma associada a outros distúrbios, como hipotermia e desidratação, compondo um quadro clínico interdependente que agrava ainda mais o prognóstico.

De forma integrada, observa-se que as principais afecções neonatais não ocorrem de maneira isolada, mas sim como resultado da interação entre múltiplos fatores predisponentes. A identificação precoce de sinais clínicos sutis, aliada à compreensão das particularidades fisiológicas dessa fase, é essencial para o estabelecimento de condutas terapêuticas eficazes. Nesse sentido, a abordagem preventiva, baseada em manejo adequado, nutrição eficiente e controle ambiental, constitui a principal estratégia para redução da morbimortalidade neonatal (NELSON; COUTO, 2015; FEITOSA, 2020; ETTINGER; FELDMAN, 2017).

2.5 FARMACOLOGIA E TERAPÊUTICA

A farmacologia em neonatos deve considerar, de maneira criteriosa, as particularidades fisiológicas dessa fase, uma vez que tais diferenças influenciam diretamente os processos farmacocinéticos e farmacodinâmicos dos fármacos. Aspectos como absorção, distribuição, metabolização e excreção apresentam-se significativamente distintos quando comparados aos animais adultos, o que exige ajustes precisos na escolha dos medicamentos, nas doses e nos intervalos de administração. A imaturidade hepática e renal, por exemplo, pode prolongar a meia-vida de diversos fármacos, aumentando o risco de acúmulo sistêmico e, consequentemente, de efeitos adversos (PAPICH, 2016; NELSON; COUTO, 2015).

No que se refere à absorção, fatores como o pH gástrico mais elevado, a motilidade gastrointestinal reduzida e a maior permeabilidade das membranas biológicas podem alterar a biodisponibilidade de medicamentos administrados por via oral. Já na distribuição, a maior proporção de água corporal total e a menor concentração de proteínas plasmáticas influenciam a fração livre dos fármacos, potencializando seus efeitos. Além disso, a barreira hematoencefálica ainda imatura permite maior penetração de substâncias no sistema nervoso central, o que pode ser benéfico em alguns casos terapêuticos, mas também aumenta o risco de neurotoxicidade (PAPICH, 2016).

A metabolização hepática encontra-se reduzida devido à baixa atividade enzimática, especialmente das enzimas do sistema microssomal hepático. Como consequência, fármacos que dependem de biotransformação hepática podem apresentar depuração mais lenta. De forma semelhante, a função renal limitada, caracterizada por menor taxa de filtração glomerular e capacidade tubular reduzida, compromete a excreção de substâncias, prolongando sua permanência no organismo (NELSON; COUTO, 2015; PAPICH, 2016). Esses fatores, em conjunto, reforçam a necessidade de protocolos terapêuticos específicos para neonatos, evitando extrapolações diretas de doses utilizadas em adultos.

A fluidoterapia é essencial no manejo de neonatos, especialmente diante de quadros de desidratação, hipoglicemia ou distúrbios eletrolíticos. No entanto, sua administração deve ser cuidadosamente ajustada, considerando a limitada capacidade de regulação hídrica e a imaturidade renal, a fim de evitar sobrecarga hídrica e complicações como edema e comprometimento cardiovascular (FEITOSA, 2020). A escolha da via de administração — seja oral, subcutânea ou intravenosa — deve levar em conta o estado clínico do paciente e a urgência da intervenção, sendo a via intraóssea frequentemente utilizada em situações críticas pela facilidade de acesso e rápida eficácia.

Além disso, a composição dos fluidos deve ser criteriosamente selecionada, podendo incluir soluções isotônicas associadas à suplementação de glicose, uma vez que a hipoglicemia é uma condição frequentemente observada em neonatos. A monitorização contínua durante a fluidoterapia é indispensável, com avaliação periódica de parâmetros como peso corporal, turgor cutâneo, frequência cardíaca e produção urinária, permitindo ajustes dinâmicos conforme a resposta do paciente.

Na prática clínica, a utilização de fármacos em neonatos deve ser realizada com extrema cautela, sendo imprescindível evitar extrapolações diretas de protocolos utilizados em animais adultos. A individualização da terapêutica, baseada na condição clínica e na idade do paciente, constitui fator determinante para a segurança e eficácia do tratamento.

De maneira geral, a terapêutica em neonatos deve ser pautada pelo princípio da prudência, priorizando intervenções seguras, minimamente invasivas e baseadas no conhecimento das limitações fisiológicas dessa fase. A individualização do tratamento, associada ao monitoramento rigoroso, constitui a base para a utilização racional de fármacos e para a obtenção de melhores desfechos clínicos (PAPICH, 2016; NELSON; COUTO, 2015; FEITOSA, 2020).

2.6 MANEJO E PREVENÇÃO

O manejo adequado é fundamental para a sobrevivência dos neonatos, constituindo um dos principais pilares na redução da morbimortalidade nessa fase crítica do desenvolvimento. Considerando a imaturidade fisiológica dos sistemas orgânicos, a manutenção de condições ambientais ideais e a adoção de práticas de manejo criteriosas são determinantes para o sucesso na criação e no acompanhamento clínico dos filhotes. Nesse contexto, fatores como controle térmico, nutrição adequada e higiene do ambiente assumem papel central na promoção da saúde neonatal (NELSON; COUTO, 2015; ETTINGER; FELDMAN, 2017).

O controle térmico é, sem dúvida, um dos aspectos mais críticos do manejo neonatal. Devido à limitada capacidade de termorregulação, os neonatos dependem fortemente de fontes externas de calor para manter a temperatura corporal dentro de limites adequados. Ambientes frios podem rapidamente levar à hipotermia, condição que compromete funções metabólicas essenciais, incluindo a digestão e a resposta imunológica. Por outro lado, o superaquecimento também deve ser evitado, uma vez que os mecanismos de dissipação de calor ainda são imaturos. Dessa forma, a manutenção de uma temperatura ambiental controlada, aliada ao uso

de dispositivos de aquecimento seguros, é indispensável para garantir o equilíbrio térmico dos filhotes (NELSON; COUTO, 2015).

A nutrição adequada representa outro componente essencial do manejo, sendo diretamente responsável pelo fornecimento de energia e nutrientes necessários ao crescimento e à manutenção das funções vitais. A ingestão precoce de colostro é particularmente importante, não apenas pelo seu valor nutricional, mas também pela transferência de imunidade passiva. Após esse período inicial, o leite materno continua sendo a principal fonte de alimentação, devendo ser ofertado em quantidade e frequência adequadas. Em situações nas quais a amamentação natural não é possível, torna-se necessário o uso de substitutos lácteos formulados especificamente para neonatos, respeitando suas exigências nutricionais e limitações digestivas (ETTINGER; FELDMAN, 2017).

A higiene do ambiente também exerce influência direta sobre a saúde neonatal, especialmente no que diz respeito à prevenção de doenças infecciosas. Ambientes limpos, secos e bem ventilados reduzem a carga de agentes patogênicos e minimizam o risco de infecções. A troca regular de forrações, a desinfecção adequada dos materiais utilizados e o controle da umidade são medidas fundamentais nesse processo. Além disso, o manejo sanitário deve incluir a avaliação da saúde materna, uma vez que a mãe pode atuar como fonte de infecção ou, ao contrário, como importante fator de proteção para os filhotes.

Outro aspecto relevante do manejo envolve a observação contínua dos neonatos, permitindo a identificação precoce de alterações comportamentais ou clínicas. A detecção rápida de sinais como apatia, dificuldade de sucção, vocalização excessiva ou alterações no ganho de peso possibilita intervenções imediatas, aumentando significativamente as chances de sobrevivência. A integração entre manejo adequado e monitoramento constante configura uma estratégia eficaz na prevenção de enfermidades.

Assim, o manejo e a prevenção devem ser compreendidos como processos integrados, que envolvem não apenas cuidados diretos com os filhotes, mas também a gestão do ambiente e dos fatores maternos. A aplicação consistente dessas práticas, aliada ao conhecimento das particularidades fisiológicas neonatais, constitui a base para a promoção de um desenvolvimento saudável e para a redução de perdas nessa fase tão delicada (NELSON; COUTO, 2015; ETTINGER; FELDMAN, 2017).

3 CONSIDERAÇÕES

A pediatria em cães e gatos representa um dos maiores desafios dentro da clínica de pequenos animais, principalmente devido à fragilidade fisiológica dos pacientes e à rapidez com que os quadros clínicos podem evoluir. Nesse contexto, torna-se evidente a necessidade de uma abordagem clínica criteriosa, baseada não apenas no conhecimento teórico, mas também na capacidade de interpretação dos sinais clínicos e na aplicação do raciocínio clínico (NELSON; COUTO, 2015; FEITOSA, 2020).

Observa-se que grande parte das afecções neonatais está diretamente relacionada a falhas no manejo, o que evidencia o papel fundamental do médico veterinário não apenas na intervenção terapêutica, mas também na orientação dos tutores. A educação adequada quanto às necessidades dos neonatos constitui uma estratégia essencial para prevenção de enfermidades e redução da mortalidade (ETTINGER; FELDMAN, 2017).

Além disso, destaca-se que a avaliação clínica deve ser contínua e interpretativa, uma vez que alterações sutis podem representar o início de quadros graves. A integração entre conhecimento fisiológico, propedêutica e prática clínica permite a identificação precoce dessas alterações, contribuindo significativamente para o sucesso terapêutico.

Por fim, ressalta-se que a atuação na pediatria veterinária exige constante atualização profissional, visto que os avanços na área demandam adaptação contínua das condutas clínicas. Dessa forma, a prática baseada em evidências associada à experiência clínica constitui o alicerce para um atendimento eficaz e seguro.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A pediatria veterinária constitui uma área de elevada complexidade, que exige do médico veterinário não apenas domínio técnico, mas também sensibilidade clínica e capacidade de tomada de decisão rápida e fundamentada. A compreensão aprofundada das particularidades fisiológicas dos neonatos é essencial para a correta interpretação dos sinais clínicos e para a instituição de condutas terapêuticas adequadas (ETTINGER; FELDMAN, 2017; NELSON; COUTO, 2015).

Nesse contexto, evidencia-se que a redução da mortalidade neonatal está diretamente relacionada à associação entre manejo adequado, prevenção de doenças e intervenção precoce. A atuação clínica deve, portanto, ser pautada na identificação rápida de alterações, na aplicação

da propedêutica de forma criteriosa e na adoção de medidas terapêuticas seguras e eficazes (FEITOSA, 2020).

Além disso, torna-se fundamental reconhecer que muitos dos desafios da pediatria veterinária podem ser minimizados por meio de práticas preventivas bem estabelecidas, reforçando o papel do médico veterinário como agente de orientação e educação dos responsáveis.

Por fim, destaca-se que o sucesso na condução de casos pediátricos está diretamente relacionado à capacidade do profissional em integrar conhecimento teórico, raciocínio clínico e prática baseada em evidências, garantindo melhores desfechos clínicos e contribuindo para a promoção da saúde desde os primeiros dias de vida dos animais.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ETTINGER, Stephen J.; FELDMAN, Edward C. **Tratado de medicina interna veterinária: doenças do cão e do gato**. 8. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017.

FEITOSA, Francisco Leydson F. **Semiologia veterinária: a arte do diagnóstico**. 4. ed. São Paulo: Roca, 2020.

JOHNSTON, Shirley V.; KUSTRITZ, Margaret V. Root; OLSON, Patricia N. S. **Canine and feline theriogenology**. Philadelphia: W.B. Saunders, 2001.

NELSON, Richard W.; COUTO, C. Guillermo. **Medicina interna de pequenos animais**. 5. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2015.

PAPICH, Mark G. **Saunders handbook of veterinary drugs: small and large animal**. 4. ed. St. Louis: Elsevier, 2016.

TIZARD, Ian R. **Imunologia veterinária: uma introdução**. 10. ed. Rio de Janeiro: Elsevier, 2017